

PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES EM SALA DE AULA: O EMPODERAMENTO FEMININO PARA ALUNAS DE ESCOLA PÚBLICA

Sherida Ferreira Pinheiro de Mesquita ¹

INTRODUÇÃO

O movimento feminista nasceu na década de 60, nos Estados Unidos propondo equidade de direitos, salários e cargos entre gêneros (SOARES, 1994). Na história mundial surgiram duas ondas feministas e muitos pesquisadores acreditam que estamos vivendo a terceira onda.

Atualmente essas mulheres levam o empoderamento feminino que questiona a ideologia patriarcal, transformam as estruturas e as instituições que perpetuam a discriminação de gênero e as desigualdades sociais e visa criar condições para que as mulheres pobres tenham acesso e controle sobre os recursos informacionais (SARDENBERG, 2012). Todas essas coisas foram desempoderadas com o passar dos tempos e estão passando por um processo de resgate, por isso a palavra “empoderamento”.

O Brasil é o quinto país do mundo que mais mata mulheres, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH). No período colonial até o século XIX, era permitido por lei o marido executar penas à uma mulher adúltera e até mesmo a sua execução. Assim os maridos podiam matar suas esposas e não eram punidos, pois essa era uma ação prevista por lei. Essa situação só veio realmente a mudar em 2015, quando foi instituída a Lei do Femicídio, Lei nº 13.104/2015, que tipifica o feminicídio que é o assassinato de uma mulher em função do gênero, que prevê uma pena de 12 anos de reclusão e é considerado como crime hediondo. Antes, em 2006, houve a promulgação da Lei Maria da Penha, Lei nº 11340/06, que cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher.

Visto o cenário atual se faz urgente o trabalho de prevenção do feminicídio na sociedade como um todo, mais precisamente nas escolas. E é vindo suprir essa necessidade que foi planejado um projeto de trabalho de empoderamento feminino na Escola Municipal Professor Ernesto Gurgel, com os alunos do Ensino Fundamental 2, no bairro Sapiranga, pertencente ao Distrito II de Fortaleza, CE.

O público da escola se faz de crianças e adolescentes em sua grande maioria afro-descendentes, de baixa renda que moram próximo ao local, possuem responsáveis que executam trabalhos domésticos e o núcleo familiar é coordenado por mulheres, em sua grande maioria, mães solteiras e avós.

O comportamento dos meninos do Fundamental 2 para com as colegas de sala, era de forma grosseira e violenta, principalmente muita violência verbal e visto com normalidade pelas meninas das salas. Esse comportamento que é visto por eles como normatizado, muitas vezes provém da repetição do comportamento dos pais e tios de dentro do seio familiar. Porém, as vítimas só podem reconhecer uma violência quando sabem identificá-las. Esse foi o segundo alerta para que o projeto escolar de empoderamento feminino acontecesse.

¹ Professora da Prefeitura Municipal de Fortaleza – CE e Mestre pelo Curso de Biodiversidade Animal da Universidade Federal de Santa Maria –RS, sheridapinheiro@gmail.com.

Portanto, o trabalho tem como objetivo minimizar a violência verbal dos meninos com as meninas através do trabalho de empoderamento feminino e valorização da mulher. A educação tem uma função que vai muito além do conteudismo, das matérias que se por si só forem oferecidas, não farão sentido aos ouvidos do discente. A educação verdadeira e integral precisa ser transformadora e libertadora (FREIRE, 1987).

E foi acreditando nisso que o projeto de empoderamento feminino foi criado na escola municipal Professor Ernesto Gurgel.

Faz-se urgente repensar a educação das meninas e dos meninos, visto que eles podem se tornar multiplicadores dos comportamentos ruins que existem na sociedade.

MATERIAIS E MÉTODOS

O projeto de empoderamento feminino é realizado no formato de encontros quinzenais dentro da biblioteca da Escola Municipal Professor Ernesto Gurgel, durante o intervalo da manhã. Teve início no ano de 2018 e é realizado até os dias de hoje. A participação é facultativa e não possui a intenção de agregar valor adicional nas avaliações parciais ou bimestrais. Os alunos ganham das reuniões visão crítica, capacidade de diálogo e argumentação.

Os encontros são coordenados pela professora de ciências do horário da manhã dos alunos do Ensino Fundamental 2. A cada encontro é levado a biografia de uma mulher que teve grande importância histórica, seja na ciência, na política, nas artes, nas engenharias ou outras áreas. O grande friso é para as mulheres brasileiras, mas também é aberto para grandes nomes internacionais.

A professora que coordena o encontro, inicia a fala com a biografia do exemplo escolhido, são utilizados livros como apoio didático. Em seguida abre para as falas e contribuições dos alunos.

Por vezes são utilizados vídeos na temática ou letras de músicas que também são levadas para serem trabalhadas e discutidas. Os alunos contribuem trazendo ideias para a realização de dinâmicas e apresentam poemas e textos escritos por eles próprios, tudo na temática abordada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse estudo de caso de caráter qualitativo embora ainda não finalizado, já pode-se observar alguns resultados.

Logo no início das reuniões, a grande maioria das participações eram feitas por meninas, poucos meninos participavam. A participação ativa masculina veio ser firmada com o tempo. Os alunos aos poucos foram entendendo que não se tratava de uma reunião para mulheres e sim de que o que era discutido ali eram as histórias de mulheres com importância relevante que serviam de inspiração para todos, assim como também a igualdade de direitos entre os gêneros, igualdade salarial, condições precárias da saúde da mulher periférica, feminismo negro e valorização da diversidade.

Uma das observações mais impressionantes é que embora os encontros aconteçam no horário do intervalo dos alunos, onde eles poderiam ficar no intervalo e aproveitar o tempo para brincar e se divertir com os colegas, observou-se que cerca da metade do corpo discente do fundamental 2 da manhã prefere ir para a biblioteca ouvir e participar dos debates.

Uma mudança comportamental também pode ser observada. Muitos meninos que antes usavam da violência verbal para se referir às meninas diminuíram esse comportamento

agressivo. Porém, a mudança mais aparente surgiu nas meninas, que antes não sabiam identificar a violência verbal que era vista como normalizada, mudaram e começaram a cobrar dos meninos atitudes mais aceitáveis. As meninas não só passaram a cobrar respeito dos meninos como passaram a se valorizar. Algumas alunas corrigem os meninos quando ainda algum outro tenta fazer com que ela se ridicularize perante os colegas. Houve também uma mudança muito sutil no reconhecimento da beleza natural das próprias meninas, muitas que tem seus cabelos cacheados e viviam com eles presos e/ou alisados, passaram a assumir seus cachos, trocando dicas de como deveriam tratar melhor seus cabelos. Os cachos começaram a aparecer também na escola como uma forma da representação da valorização do negro, do seu empoderamento.

Esse último resultado também tem a sua fatia de importância, pois a mulher negra na nossa sociedade é como se fosse invisível. Está localizada socialmente abaixo do homem negro, este por sua vez é localizado abaixo da mulher branca e esta abaixo do homem hétero branco. Portanto as mulheres negras nem são brancas e nem são homens, elas ocupam a função do “outro do outro” (RIBEIRO, 2019, p. 38). E por isso é necessário acordá-las para que elas se vejam como são, trabalhando-as desde a valorização da sua beleza natural, identidade afim de alcançar um real representatividade dentro da sociedade brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho encontra-se ainda em processo de realização, visto que o propósito do mesmo se refere à mudanças comportamentais de valorização da mulher e educação masculina, desmistificando o “sexo frágil”, e mesmo a falta de informações sobre as conquistas femininas em todas as áreas, principalmente nas ciências e engenharias.

O projeto que iniciou em março de 2018, caminhou até dezembro de 2018 e em 2019 teve uma pausa de seis meses, por conta de uma reforma na biblioteca. Nesse tempo de pausa os alunos procuravam a professora que coordena o projeto sempre questionando sobre o retorno do mesmo. Demonstrando livre e profundo interesse no trabalho desenvolvido.

Pode-se observar que se o feminismo for trabalhado de forma correta e clara ele consegue atrair a atenção de muitos alunos adolescentes de ambos os gêneros. Foi notado também que quando as meninas sabem distinguir violência verbal da não violência, elas assumem seu papel de valorização e cobram respeito e espaço próprios, impedindo que os meninos repitam as agressões verbais que antes eram vistas como normais. Os meninos, por sua vez, passam a vigiar mais seus próprios comportamentos e inclusive a cobrar dos outros colegas que ainda não alcançaram o patamar de respeito aos demais.

Portanto, pode-se ver que quando há um bom direcionamento do trabalho em conjunto, todos passam a conviver de uma melhor maneira e passam a inclusive, auto regular o comportamento.

Alcançaram-se alguns resultados, porém é preciso mais. Há um desejo de adicionar esse projeto de trabalho do empoderamento feminino ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, tornando-o permanente. Pretende-se também ampliar, trazendo convidados para palestrar para os alunos e fazer reuniões com a comunidade escolar inteira, visto que os problemas causados pelo machismo afeta à todos nós, homens e mulheres.

Visto a urgência, percebe-se que este trabalho necessita ainda de mais diálogo e continuidade. O projeto de empoderamento feminino persistirá de forma a construir uma rede de professores e funcionários da escola envolvidos com a temática, pois acredita-se que a educação é o único caminho para a mudança dessa realidade com estatísticas tão cruéis para as mulheres. Como bem afirmou Chimamanda Adichie (2018, p.48) “A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da

nossa cultura, então temos que mudar a nossa cultura.” E serão os professores os verdadeiros agentes de transformação dessa realidade.

Palavras-chave: Feminismo, Empoderamento, Escola pública, Educação, Tema transversal.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Sejam todos feministas. 1ª edição, São Paulo, Companhia das Letras, 2015. 63p.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

RIBEIRO, Djamila. Lugar de Fala. São Paulo, Sueli Carneiro, Pólen, 2019. 112p.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Conceituando empoderamento na perspectiva feminista. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL: TRILHAS DO EMPODERAMENTO DE MULHERES, 1, 2012, Salvador-BA. Anais eletrônicos.

SOARES, Vera. Movimento de mulheres e feminismo: evolução e novas tendências. IN: Revista Estudos feministas. Rio de Janeiro, 1994.